

Artes, educação e sociedade

Não nascendo ensinados temos, desde sempre, um importante **desafio**: sermos capazes de **transmitir de geração em geração** o que consideramos fundamental para assegurar a evolução da sociedade que construímos.

Até ao século XX a cultura ocidental canalizou a sua **ânsia de conhecimento** – o saber científico e o desenvolvimento tecnológico – para a **libertação humana dos constrangimentos da vida natural** e materializou a **ideia de progresso num processo de acumulação**. Produzir mais, vender mais, ter mais, estimularam a nossa criatividade, moldaram os nossos comportamentos, orientaram a nossa acção e absorveram as nossas preocupações sobre o saber a transmitir às novas gerações.

As **contradições geradas** por este processo de acumulação, em particular as injustiças sociais e a degradação do planeta, ganharam proporções globais e ensombram-nos o futuro. A crise actual é muito mais do que uma crise económica. É uma **crise de crescimento**, ou se preferirem, um **problema de consciência**. Sentimo-nos responsáveis pelo que está a acontecer, sabemos que é preciso mudar de rumo e não sabemos como. A inércia é brutal. Os gestos individuais parecem-nos demasiado insignificantes para terem impacto no curso dos acontecimentos e a acção dos Governos manifestamente incapaz de nos proteger das ameaças sem fronteiras que são hoje as mais preocupantes.

O que fazer então para “limpar” o horizonte negro do que está para vir? **As respostas andam no ar** e não deixarão de nos martelar os ouvidos até se entranharem em formas de acção reais e consequentes. **Sustentabilidade, interdependência e solidariedade** são um trio exemplar do que está a fazer falta e sinalizam a urgência de aprendermos a viver de acordo com um **novo paradigma de desenvolvimento social**. Um paradigma que nos remete para a Natureza e para o seu modelo de organização (sistemas complexos interdependentes). Será por aí, pela valorização **do que nos une à Natureza e uns aos outros** que encontraremos pistas sobre as **novas prioridades do saber e do fazer**. Prioridades do já e do que precisamos passar às gerações futuras. Prioridades que implicam mudanças sérias ao nível dos comportamentos e das mentalidades.

Obviamente os saberes de que precisamos são múltiplos. **O que a Escola ensina é fundamental**, embora seja, como todos sabemos,

apenas uma parte do que precisamos aprender. A escola transmite o **saber instituído**, um saber feito de certezas validadas colectivamente pela razão e pela experiência acumulada. Este saber positivo é complementado pelas **competências** que adquirimos em contextos de trabalho, pela **formação** que recebemos através de **relações de referência** que constituem a nossa **rede familiar e social** e pela **informação** disponibilizada pelos inúmeros canais que hoje temos à nossa disposição.

Mas entre o saber e o conhecer vai um grande passo. O conhecimento implica a **interiorização e a articulação dos saberes que adquirimos e das informações que colecionamos ao longo da vida** e revela-se pela consciência que temos de nós próprios e do mundo, num dado momento, num dado lugar.

Já demos um passo importante ao **nomear a passagem da Sociedade da Informação para a Sociedade do Conhecimento e da Aprendizagem**. A decisão, no seu enunciado teórico, atesta a desvalorização do capital financeiro face ao **capital humano** e aposta na sua **qualificação e potencial criativo como factores de riqueza e desenvolvimento social**. Como e onde incentivar esta mudança?

Seguramente, renovando o nosso olhar sobre a realidade e alterando prioridades e acções nos mais diversos contextos. Um deles, bastante promissor, passa pela **utilização das artes nos processos de aprendizagem no âmbito da chamada educação não formal**.

Utilizando **processos criativos** e trabalhando os **mecanismos da percepção em espaços de exposição e apresentação de objectos artísticos**, as práticas pedagógicas a que me refiro propõem uma série de importantes **desvios aos padrões de ensino actualmente instituídos**:

- Desenvolvem a acuidade dos sentidos e envolvem o corpo como um todo na apreensão da realidade;
- Estimulam as funções simbólicas e cognitivas a partir da experiência das emoções e dos sentimentos (como a imaginação, a experimentação, a interpretação, a comparação, o espírito crítico);
- Trabalham a articulação dos diversos sistemas de comunicação – linguísticos e extra-linguísticos;
- Introduzem a experiência da ilusão e do erro no processo de conhecimento, desmontando preconceitos – como *o que parece é* e *o que não se vê não existe* – evidenciando a pluralidade dos pontos de vista;

- Revelam o papel da incerteza e do acaso nos processos criativos;
- Estimulam a produção de sentidos, no plano individual e colectivo, promovendo o diálogo de si para si e de si para o outro;
- Cientes da subjectividade implícita no processo de conhecimento, envolvem a participação activa do indivíduo na construção desse conhecimento;
- Valorizam simultaneamente a singularidade de cada um e o trabalho em equipa;
- Trabalham a improvisação e o que ela permite experienciar sobre a responsabilidade da iniciativa individual, as possibilidades de desvio às regras instituídas, a escuta e o respeito pelo outro.

Estas **plataformas de pensamento crítico e criativo podem existir em qualquer lugar e ser aplicadas em diferentes contextos** (e todos ganharíamos com essa proliferação) mas encontram nas instituições culturais, como os Museus e os Teatros, **espaços privilegiados para trabalhar conteúdos artísticos em condições de recepção ideais, amplificar a sua fruição, personalizar as relações dessas instituições com as pessoas que as frequentam e potenciar a relevância dessas mesmas instituições através do papel que desempenham na sociedade envolvente.**

Inevitavelmente, neste momento de transição, **o poder de atracção dos padrões instituídos continua a ser mais forte. A relevância das emoções e dos sentimentos no processo de aprendizagem e no pensamento criativo** é um facto comprovado recentemente pela neurobiologia, mas desconsiderado na aplicação prática no ensino formal. Quando se fala da **introdução de processos criativos na Escola** materializa-se essa ideia no ensino artístico formal com a aprendizagem de técnicas e disciplinas artísticas (sempre enriquecedoras, mas com outras estratégias para outros objectivos). Muita da **oferta educativa** ligada às artes é **pouco ambiciosa e demasiado instrumental**: privilegia a **relação com a Escola** deixando de fora um vasto leque de outros participantes e os conteúdos são apresentados sem explorar o trabalho de mediação, perpetuando a **prática do simples entretenimento e consumo passivo das artes**. A **qualificação** continua a ser pensada em termos do **saber positivo**, a ser **avaliada por indicadores quantitativos** (classificações e número de diplomados) **e é para lá que se canalizam as atenções e o investimento público.**

Concluindo: quando falamos das **artes como estratégia de intervenção educativa** estamos a pensar num **trabalho de mediação que utiliza as obras de arte e os processos criativos inerentes às práticas artísticas contemporâneas como janelas abertas para o autoconhecimento e para a interpretação do mundo. Não se esgota no trabalho de descodificação e explicação** dos conteúdos de um objecto artístico. **Propõe tarefas, lança pistas e coloca questões** que ajudam cada um dos participantes a **partilhar com os outros todos os sentidos possíveis que um objecto ou uma dada situação contem, potenciando os efeitos dessa experiência e os vestígios que ela pode deixar**, e que por sua vez irão enriquecer outras experiências, noutros contextos.

Os serviços educativos que assumem esta missão exploram a **dimensão global dos conteúdos** que apresentam e **respondem localmente às necessidades**, às propostas e às características do tecido social envolvente (de forma plural e abrangente), com o qual estabelecem **relações de continuidade**.

Esta aposta na dimensão subjectiva e imaterial do crescimento humano deveria constituir uma prioridade assumida e partilhada por todos os agentes educativos. **O estado de depressão colectiva que caracteriza o mundo dos nossos dias paralisa e desresponsabiliza**. Só o **alargamento da nossa consciência** nos permitirá compreender a **relevância da intervenção individual na superação dos problemas globais** mobilizando-nos para as **pequenas grandes decisões/acções do dia a dia**, em casa, no trabalho e na comunidade, cientes que se todos o fizermos, cada um à sua escala, estaremos seguramente a intervir no futuro e a contribuir para uma sociedade melhor.

Maria de Assis
Março 2009